

AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS E A PRÁTICA DOCENTE DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DA REDE MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE-MS

Eixo 6 - Trabalho Docente

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo descrever as relações interpessoais e a prática docente do professor de Educação Física Escolar da Rede Municipal de Campo Grande – MS. A questão norteadora deste artigo é: As relações interpessoais interferem na prática docente dos professores de Educação Física Escolar? A pesquisa teve uma abordagem quantitativa, o estudo caracterizou como descritivo. Participaram desta pesquisa, 84 professores de Educação Física, que ministravam aulas de Educação Física Escolar no ensino fundamental da Rede Municipal de Campo Grande-MS. Em suma, no tocante ao grau de satisfação e insatisfação com o trabalho e a prática docente por Professores de Educação Física de Campo Grande, MS, os resultados demonstraram que a maioria dos professores estão satisfeitos com os fatores investigados, e que segundo estudos quando esses fatores são apontados como positivos colaboram para o professor se sinta inserido no labor, sinta-se parte de um grupo, e conseqüentemente tenha um melhor desempenho na sua prática docente.

Palavras-chave: Prática Docente; Relação Interpessoal; Educação Física

Introdução

Discutir a profissão de professor atualmente, é algo que vai além das questões técnicas (currículo, avaliação, conteúdo, metodologias de trabalho), deve-se levar em consideração os saberes, que estes docentes adquirem antes e durante a formação de professor, sua experiência de trabalho, nos quais contribuirão na prática docente.

É importante ressaltar que a prática docente, está diretamente condicionada as relações interpessoais com diferentes atores que envolve a educação, professor X

aluno, professor X comunidade escolar, professor X equipe técnica pedagógica, professor X gestão escolar, professor X secretária de Educação, entre outros.

Segundo Perrenoud (1993) a profissão de professor é relacional, que tem como uma das atribuições o relacionamento do docente com seus pares, e que nesse processo são mobilizados a todo momento, conhecimentos, afetos, interações, tomada de decisões, sentimentos (alegria, raiva, angústia, tristeza, preconceitos, preferências, entre outros), que faz parte da essência subjetiva do ser humano.

É importante ressaltar que é quase impossível durante a prática docente desvincular a objetividade do trabalho docente, da sua subjetividade, pois como afirma Tacca (2006) para que haja aprendizagem necessariamente tem que haver uma relação entre pessoas, e que esse processo é mediado pelo diálogo, que proporcione que os indivíduos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, possam expressar seus sentimentos, dúvidas, angústias, questionamentos, através da comunicação, tendo como objetivo a construção do conhecimento.

Entende-se por prática docente o que afirma Gimeno Sacristán (1999, p. 68) a capacidade de: “[...] alargar o conceito da prática, não a limitando ao domínio metodológico e ao espaço escolar”. Nessa visão, a prática pedagógica é influenciada por fatores externos ao seu contexto que a determinam como políticos, econômicos culturais e sociais.

Assim, a prática docente é a capacidade que o professor de Educação Física tem de acordo com Betti e Zuliani (2002), de inserir o aluno na cultura corporal de movimento, para formar um cidadão que “[...] vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando para usufruir do jogo, do esporte, das atividades e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física em benefício da qualidade de vida.” (BETTI, ZULIANI 2002, p. 75). Entende-se que é imprescindível essa compreensão por parte desse profissional para que ele possa “quebrar” paradigmas antigos sobre tal disciplina do currículo escolar, uma vez que por meio dos conhecimentos teóricos e experiências profissionais e de vida pessoal possa levar o aluno a compreender o porquê praticar os conteúdos citados anteriormente na escola e entender seu significado, como também fazerem o uso social dos mesmos em seu cotidiano.

Neste sentido, a pesquisa teve como objetivo descrever as relações interpessoais e a prática docente do professor de Educação Física Escolar da Rede Municipal de Campo Grande - MS.

Esta pesquisa é um recorte da dissertação de mestrado, intitulada como: O bem-estar do professor de Educação Física Escolar da Rede Pública Municipal de Ensino de Campo Grande, MS, por Furtado (2014), os dados foram coletados em 2013, para análise e construção do trabalho proposto.

A questão norteadora deste artigo é: **As relações interpessoais interferem na prática docente dos professores de Educação Física Escolar?**

Metodologia

Este estudo é parte de uma pesquisa maior. A pesquisa teve uma abordagem quantitativa, segundo Neves (1996), esta abordagem permite a mensuração de opiniões, reações, hábitos e atitudes em um universo por meio de uma amostra que o represente estatisticamente.

O estudo se caracterizou como descritivo, Gil (1999) afirma que esse tipo de estudo é realizado principalmente por pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. Foi feita uma revisão de literatura com o intuito de dar suporte teórico ao tema proposta.

Foi utilizado como instrumento de coleta de dados: questionário do perfil sociodemográfico dos docentes e o questionário de grau de Satisfação e Insatisfação com o Trabalho Docente para ser utilizado como instrumento de coleta de dados foi adaptado da pesquisa de Rebolo (2005). Ficando, desse modo, constituído por 24 questões cuja finalidade foi verificar o Grau de Satisfação/Insatisfação com o Trabalho Docente, relacionado aos quatro componentes do trabalho (atividade laboral, relacional, socioeconômica e a infraestrutural), e constituído de uma escala de cinco categorias de respostas (muito insatisfeito, insatisfeito, neutro, satisfeito, muito satisfeito), por meio dos quais o pesquisado teve a oportunidade de apontar seu grau de satisfação/insatisfação com cada um dos itens.

Neste estudo discutiremos apenas o componente relacional, que envolve o trabalho docente.

Análise dos dados

Esta secção tem por objetivo descrever o perfil sociodemográfico de professores de Educação Física quanto a gênero, estado civil e renda mensal individual.

Participaram desta pesquisa, 84 professores de Educação Física que, tinham uma média idade de 34,9 anos. Em relação ao gênero, 46 eram mulheres (54,76%) e 38 homens (42,24%). Esses resultados assemelham-se aos achados de Soriano e Winterstein (1998), Lemos (2007) e Costa (2008), nos quais o número de professores de Educação Física do gênero feminino foi superior ao do gênero masculino.

No que diz respeito ao estado civil, o número de casados e solteiros foi equivalente, 38 (45,5%), separados 6 (7%), e outros 2 (2%). Diferentemente dos resultados encontrados por Lemos *et al* (2005), Oliveira (2005) e Moreira *et al* (2010), em que quais a maioria dos professores encontravam-se casados.

Referente à renda dos professores de Educação Física, os dados apresentados revelaram que 25 (29,5%) docentes declararam que sua faixa salarial encontrava-se entre R\$ 2.601,00 à R\$ 3.900,00, seguidos por 22 (27,5%) professores que recebiam entre R\$ 1.821,00 a R\$ 2.600,00, 18 (21%) a renda era entre R\$ 1.301,00 a R\$ 1.820,00, 17 (20%) informaram que ganhavam entre R\$ 3.901,00 a R\$ 5.200,00, 1 professor informou ganhar menos de R\$1.300,00 reais e 1 acima de R\$ 5.201,00 (tabela1). Os dados apresentados neste estudo, referente à renda dos sujeitos investigados, foram semelhantes aos valores salariais encontrados na pesquisa de Costa (2008).

Formação e Características da Profissão do Professor de Educação Física

A formação dos docentes de Educação Física foi uma das variáveis pré-estabelecidas pelo pesquisador na elaboração do objetivo do trabalho, bem como na eleição dos instrumentos de coleta de dados. Podem-se observar os resultados desses dados na tabela 2.

Tabela 1 - Formação e atuação Profissional de Professores de Educação Física Escolar do Município de Campo Grande, MS. (n=84)

Formação	N	%
Graduação	32	38
Especialização	51	61

Formação	N	%
Mestrado	1	1
Doutorado	-	-
Total	84	100
Vínculo		
Efetivo 20 h	43	51
Efetivo 40 h	15	18
Contratado	26	31
Total	84	100
Tempo de docência		
00-03 anos	39	46,5
04-06 anos	21	25
07-19 anos	16	19
20-30 anos	8	9,5
Total	84	100
Numero de escolas que leciona		
Uma	36	43
Duas	30	36
Três	14	16,5
Quatro	1	1
Cinco	3	3,5
+ de seis	-	-
Total	84	100
Jornada de trabalho semanal		
-20h	7	8,5
20h	31	37
30h	15	18
40h	25	29,5
50h	3	3,5
+50h	3	3,5
Total	84	100
Trabalha em outros locais		
Sim	34	41
Não	50	59
Total	84	100

Elaborado pela autora (2014)

De acordo com a tabela 2, é possível afirmar que 38,1% dos sujeitos investigados possuíam graduação, 60,7% relataram já ter cursado e concluído uma especialização e apenas 1,2% cursou e concluiu o mestrado.

Como se pode observar, a formação continuada estava presente na maior parte do universo pesquisado. Esses resultados foram semelhantes aos encontrados nas pesquisas realizadas por Lemos (2007), Both *et al* (2010), Both *et al* (2013), nas quais a maioria dos professores possuíam cursos de pós-graduação *lato senso* e *stricto senso*. Contudo, as pesquisas de Folle *et al* (2008) e Moreira *et al* (2010) apresentaram dados discrepantes das citadas, na medida em que, nos seus estudos, a maioria dos docentes haviam concluído somente a graduação.

Quanto ao vínculo empregatício com a Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande, MS (SEMED), 51,2% dos professores relataram serem efetivos, com carga horária de 20 horas semanais, 17,85% eram efetivos com 40 horas semanais e 30,9% tinham contrato temporário estabelecido sem especificação da carga horária semanal.

Compreende-se, então, que o tempo de docência está diretamente ligado ao ciclo de vida profissional do professor. Huberman (1995) caracteriza tais períodos em seis fases ou ciclos, descritos em: entrada (corresponde aos três primeiros anos de carreira, que são marcados pelos contatos iniciais, caracterizados pela sobrevivência e pela descoberta); estabilização (do 4º a 6º ano, momento em que ocorre a consolidação das habilidades, maior autonomia nas situações do dia a dia e solidificação das práticas pedagógicas); diversificação e experimentação (do 7º a 25º ano - é o período em que há uma busca por atualização e melhores expectativas profissionais, mas pode ser marcado também por desapontamentos causados principalmente pelos fracassos e por decepções). Entre o 15º e o 25º ano, há o que Huberman (1995) classificou como questionamentos ou redelineamentos. Continuando, existe o conservantismo (25º a 30º ano, podem aparecer, nesse período, algumas características, como, a primeira serenidade e distanciamento, o professor apresenta maior tranquilidade e vai se distanciando em relação aos acontecimentos ligados à docência. Nessa fase, o professor se torna mais rígido e resistente à mudanças e inovações.

Nascimento e Graça (1998) adaptaram o modelo de Huberman (1995) para a realidade portuguesa e dividiram os ciclos em: entrada ou sobrevivência (constitui os três primeiros anos, é um período marcado pela transição da formação inicial para a atuação no mercado de trabalho); consolidação (4 a 6 anos correspondem à efetivação das competências pedagógicas e conhecimentos curriculares), diversificação ou renovação (7 a 19 anos, é uma fase marcada pela diversidade de atividades e buscas de novos conhecimentos) e maturidade ou estabilização (20 a 35 anos é um momento marcado pela experiência e por questionamentos sobre a própria atuação profissional).

Nesta pesquisa, utilizou-se o ciclo de desenvolvimento profissional elaborado por Nascimento e Graça (1998), ficando assim distribuído o tempo de trabalho dos docentes participantes desta pesquisa: 39 docentes que representam 46,5% da

amostra responderam que tinham menos de três anos de docência, isso significa que estavam, segundo Nascimento e Graça, no tempo de entrada ou sobrevivência no magistério; 21(25%) dos professores afirmaram que estavam lecionando entre 4 a 6 anos, esse tempo de trabalho é denominado segundo os autores como período de estabilização. No período de diversificação e estabilização, que são de 7 a 19 anos de trabalho, 16 (19%) dos docentes responderam enquadrar-se nesse íterim. No ciclo considerado como maturidade ou estabilização dos 20 aos 35 anos de magistério, 8 (9,5%) responderam vivenciar este ciclo no seu trabalho.

Com relação ao número de escolas que os professores de Educação Física ministravam aulas, a maioria afirmou atuar em apenas uma escola (42,86%) e (35,71%) dos docentes confirmaram lecionar em pelo menos duas escolas. Logo, compreende-se que tal resultado deve-se ao fato de que os referidos professores tinham uma carga de 20 horas de trabalho.

Tabela 2 - Descrição de outros locais de atuação profissional do Professor de Educação Física Escolar do Município de Campo Grande, MS. (n=34)

Outros locais de trabalho	N	%
Academia	8	24
Estúdio (<i>personal training</i>)	2	6
Escolinhas de iniciação esportiva	5	15
Recreação	3	9
Instituição de ensino superior	2	6
Outros	14	40
Total	34	100
Jornada de trabalho em outras instituições	N	%
Até 20 h	19	56
30 h	10	29,5
40 h	2	6
50 h	2	6
+ 50 h	1	2,5
Total	34	100

Elaborado pela autora (2014)

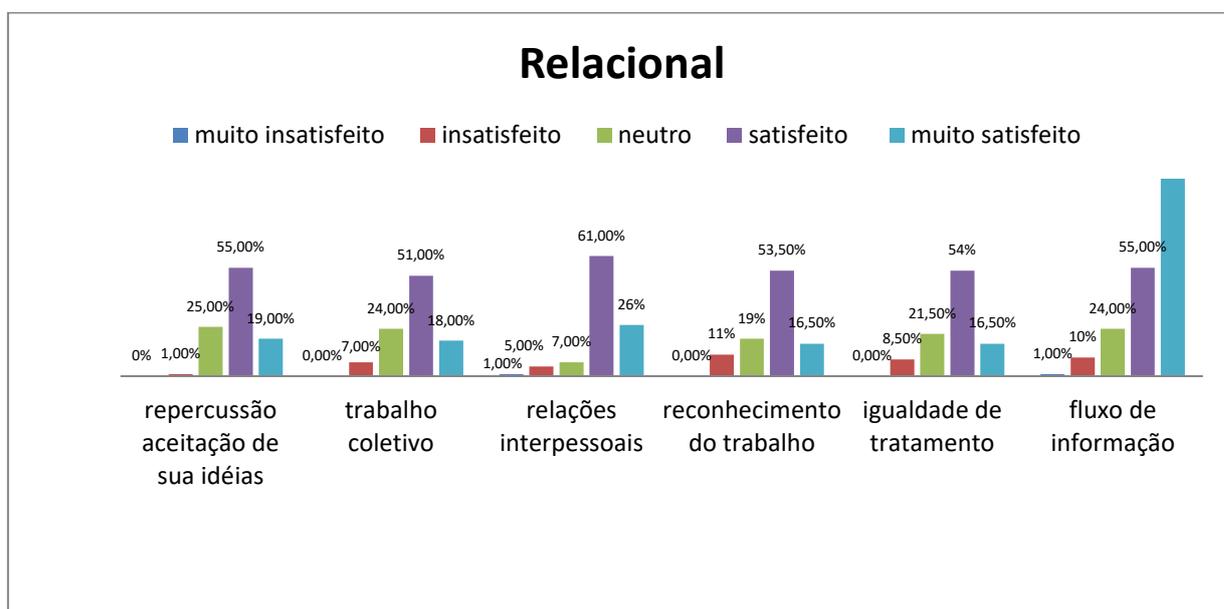
Ao serem questionados sobre trabalharem em outros lugares além da escola, 34 professores responderam que possuíam vínculo com setores distintos como, 8 (24%) em academias, 2 (6%) em estúdio (*personal training*), 5 (15%) em escolinhas de iniciação esportivas, 3 (9%) com recreação; 2 (6%) em Instituição de Ensino Superior (IES), e 14 (40%) em outros locais. Esses dados assemelham-se aos encontrados por Farias *et al* (2008), Both *et al* (2010) e Moreira *et al* (2010). (Tabela 3).

No que se refere à quantidade de horas/semanais de trabalho em outras instituições, dos professores pesquisados, 19 (56%) informaram que trabalhavam em média menos de 20 horas/semanais e 10 (29,5%) desenvolviam uma jornada de 30 horas semanais. Com relação as 40 horas e 50 horas semanais, foram equivalentes, 2 professores que representaram (6%) respectivamente, e 1 docente afirmou trabalhar mais de 50 horas semanais em outros locais. De acordo com Codo, Vasques-Menezes (2002) e Esteves (1999), quando existe uma sobrecarga de trabalho, isso pode contribuir de maneira significativa para aumentar a incidência de doenças físicas e psicológicas, podendo gerar mal-estar no trabalho.

Componente Relacional

Esse componente diz respeito ao modo como os professores se relacionam com os alunos e seus pares. No caso desta pesquisa, como os professores de Educação Física Escolar avaliam a sua relação interpessoal com o grupo escolar. Os fatores desse componente são: relações interpessoais; repercussão e aceitação das ideias dadas; trabalho coletivo, grupos de trabalho e possibilidade de troca de experiências; reconhecimento do trabalho realizado; fluxo de informações e formas de comunicação; igualdade de tratamento.

Gráfico 1 - Descrição do grau de satisfação e insatisfação com o trabalho docente em relação ao Componente Relacional por Professores de Educação Física Escolar do Município de Campo Grande, MS. (n=84)



Elaborado pela autora (2014)

Ao ser questionado sobre a repercussão e aceitação de suas ideias, o professor de Educação Física avaliou esse fator como sendo, 1% insatisfeitos; 25% neutros; 55% satisfeitos e 19% muito satisfeitos (gráfico 4). Nenhum professor relatou estar muito insatisfeito.

Para Paula e Naves (2010), o bem-estar no trabalho só acontece e se renova na escola, quando são construídas dentro de ambientes que proporcionem relações de respeito e confiança. Compreende-se que o respeito se faz no ambiente de trabalho, quando todos têm as mesmas oportunidades de expressar suas ideias e essas serem ou não aceitas pelo grupo.

Com relação ao trabalho coletivo, os docentes demonstram estarem satisfeitos e muitos satisfeitos com esse item, como demonstrado a seguir, 7% insatisfeitos, 24% neutros, 51% satisfeitos e 18% muito satisfeitos (gráfico 4). Para Basso (1998), o trabalho coletivo pode possibilitar ao professor a construção de novas relações de trabalho, além de contribuir para o enfrentamento das condições objetivas e subjetivas que impedem o desenvolvimento de sua prática pedagógica. Verifica-se que esse item pode contribuir de forma significativa na construção de um corpo docente unificado que encontra apoio no colega e conseqüentemente que produza satisfação em participar do grupo de docentes da escola na qual se encontra.

No que concerne às relações interpessoais, 1% dos professores responderam estar muito insatisfeitos; 5% insatisfeitos; 7% neutros; 61% satisfeito e 26% muito satisfeitos (gráfico 4). Esses resultados são muitos parecidos com os encontrados por Moreira *et al* (2010) com os professores de Educação Física do Paraná. A relação interpessoal foi o aspecto mais relevante encontrado na pesquisa feita por Silva e Krug (2007).

Os pesquisadores supracitados afirmam que o sentimento de satisfação dos professores com a docência na escola é, em sua maioria, ligado às boas relações interpessoais no meio escolar. Isso leva ao entendimento de que a escola é um local adequado para o desenvolvimento dessas referidas relações.

Conforme citado pelos professores de Educação Física, eles se sentem satisfeitos com o reconhecimento do trabalho. Isso pode ser comprovado a partir dos seguintes resultados, 11% insatisfeitos; 19% neutros; 53,5% satisfeitos e 16,5% muito satisfeitos (gráfico 4). Nenhum professor se declarou muito insatisfeito nesse quesito.

Esses resultados assemelham-se ao encontrado por Guterres e Santos (2012) em que os professores das séries iniciais de Alegrete, RS afirmaram 57,% estar satisfeitos e 18,9% muito satisfeitos com o reconhecimento dos outros em relação ao seu trabalho.

Guterres e Santos (2012) afirmam que reconhecimento de quem está no dia a dia da escola, seja pelo aluno, pelos pares ou pela comunidade escolar, pelo trabalho desenvolvido revigora os ânimos e reafirma a crença no poder de uma intervenção sistematizada e planejada em favor do desenvolvimento de outros sujeitos. Guterres e Santos (2012) discorrem que ser valorizado nesse espaço, pelas pessoas de dentro da escola, é bastante recompensador e colabora para uma melhor construção social.

No que se refere à igualdade de tratamento, os docentes responderam 8,5% insatisfeitos, 21,5% neutros, 54% satisfeitos e 16,5% muito satisfeitos (gráfico 4). Nesse item, nenhum docente declarou estar muito insatisfeito. Cortesão (2010), ao pesquisar 141 professores (60 de Educação Física e 81 de outras disciplinas), em Portugal, verificou que a maioria dos docentes de Educação Física considera que existe partilha de momentos de convívio entre os colegas de o seu grupo disciplinar.

Cerca de 83,3% dos docentes afirmaram que não existe dificuldade de diálogo entre os colegas de Educação Física. É que eles possuem percepções mais positivas acerca da sua relação com o(a) diretor(a), com a comunidade e com os colegas das restantes disciplinas, apresentam um maior grau de participação na vida da escola.

Sendo assim, compreende-se que no que se refere à igualdade de tratamento, os professores de Educação Física Escolar dessa pesquisa percebem entre seus pares, gestão escolar e comunidade, o mesmo tratamento. Tal fator de satisfação pode contribuir de forma positiva para a prática docente e o bem-estar desse profissional.

Quanto ao fluxo de informação, a avaliação dos professores ficou assim distribuída, 1% muito insatisfeitos; 10% insatisfeitos; 24% neutros; 55% satisfeitos e 10,5% muito satisfeitos (gráfico 4). Entende-se que quando a escola se organiza para manter o professor informado sobre as ações, metas, reuniões, prazos e decisões, faz com que esse profissional possa se planejar, organizar e dinamizar suas rotinas de trabalho. Nesse sentido, faz-se necessário uma boa organização escolar, que colaborará para o nível de satisfação, uma boa atuação e estruturação do trabalho docente.

É importante ressaltar que no componente relacional, nenhum dos professores assinalou estar muito insatisfeito com os itens: repercussão e aceitação de suas ideias, trabalho coletivo, reconhecimento do trabalho e igualdade no tratamento. O fator que apresentou maior nível de satisfação foi a relação interpessoal. De acordo com os dados, dos 84 docentes que responderam no questionário 73 estavam satisfeitos ou muito satisfeitos com esse componente.

Considerações Finais

O relacionamento interpessoal, em situação de trabalho, segundo Secco (2002), diz respeito às relações formais e informais que acontecem entre pares, colegas, que podem possibilitar a construção de uma auto identidade, de relações de cooperação, ajuda, apoio e de amizade. Segundo a autora, esses fatores podem contribuir para um aumento da satisfação profissional.

Para tanto é necessário que o professor também, desenvolva sua prática de forma mais adequada, ou seja, que ele saiba organizar e trabalhar os conteúdos a partir de atividades práticas e teóricas. No caso do professor de Educação Física esse procedimento é de extrema importância, pois ele lida com recursos materiais como bolas e cordas, atividades corporais e os conteúdos curriculares que deverão ser trabalhados com estes materiais bem como, com as diferentes linguagens corporais em ambientes de aprendizagens diversificados e situações didáticas.

Para Rebolo (2005, 2012), esse componente, quando exercido de maneira positiva, é agradável, e se marcado por auxílio recíproco, em que exista apoio socioemocional e técnico, em que se é respeitada a individualidade do docente, pode fornecer subsídios para a realização mais satisfatória das tarefas da atividade laboral e auxiliar na gestão eficiente do próprio trabalho.

Em suma, no tocante ao grau de satisfação e insatisfação com o trabalho docente por Professores de Educação Física de Campo Grande, MS, os resultados demonstraram que a maioria dos professores estão satisfeitos com os fatores investigados, e que segundo estudos, quando esses fatores são apontados como positivos colaboram para que o professor se sinta inserido no labor, sinta-se parte de um grupo, e conseqüentemente tenha um melhor desempenho na sua prática docente.

REFERÊNCIA

BASSO, I. S. Significado e sentido do trabalho docente. **Cadernos CEDES**, v. 19, n.44, Campinas, SP, abril, 1998.

BETTI, M. & ZULIANI, R.L. Educação Física Escolar: Uma proposta de Diretrizes Pedagógicas. **Revista Mackenzi de Educação Física e Esporte** – I (I): 73-81, 2002.

BOTH, J.; NASCIMENTO, J. V.; SONOO, C. N. ; LEMOS, C. A. F.; BORGATTO, A. F. Bem-estar do trabalhador docente em Educação Física ao longo da carreira. **Revista de Educação Física/UEM**, Maringá, PR, v.24, n.2, abr/jun, 2013.

BOTH, J.; NASCIMENTO, J. V.; SONOO, C. N. ; LEMOS, C. A. F.; BORGATTO, A. F. Condições de vida do trabalhador docente: Associação entre estilo de vida e qualidade de vida no trabalho de professores de Educação Física. **Revista Motricidade**, Vila Real, Portugal, v 6, n.3, set, 2010.

CODO, W.;VASQUES-MENEZES, I. Perspectivas para o bem-estar docente? Uma lição de síntese. Lisboa: **Caderno de Pesquisa do Centro de Recursos de Informação e Apoio Pedagógico**. – CRIAP/ASA, 2002.

CORTESÃO. M . I. P. Clima escolar, participação docente e relação entre os professores de educação física e a comunidade educativa. **Dissertação de mestrado** em Gestão da Formação e Administração Educacional apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.2010

COSTA, D. S. Qualidade de vida dos profissionais de Educação Física da Rede Pública de Campo Grande-MS. **Dissertação de Mestrado** – Programa de Psicologia de Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande-MS, 2008.

ESTEVES J. M. Z. **O mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. 3. ed. Bauru: Edusc, 1999.

FARIAS, G. O.; LEMOS, C. A. F.; BOTH, J.; NASCIMENTO, J. V.; FOLLE, A. Carreira docente em Educação Física: uma abordagem sobre a qualidade de vida no trabalho de professores da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul. **Revista de Educação Física/UEM**, Maringá, PR, v.19, n.1, p, 11-22, 1.trim. 2008.

FOLLE, A.; LEMOS, C.A.F.; NASCIMENTO, J.V.; BOTH, J.; FARIAS, G. O. Carreira no magistério público e nível de qualidade de vida no trabalho docente em Educação Física. **Motriz**. v. 14, n. 3, p. 210-221. jul/set, 2008.

FURTADO, E. R. O bem-estar do professor de educação física escolar da rede pública municipal de ensino de Campo Grande, MS. **Dissertação (mestrado em educação)** – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIMENO SACRISTÁN, J. Consciência e Acção sobre a prática como libertação profissional dos Professores. In NÓVOA **Profissão Professor**, Porto-Portugal, PORTO EDITORA 2 ed. 1999 (Coleção Ciências da Educação).

GUTERRES, R. de A.; SANTOS, B.S. Satisfação e motivação de Unidocentes do município de Alegrete -RS. **Anais IX ANPED Sul**, Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, p.31-61, 1995.

LEMOS, C. A. F.; NASCIMENTO, J. V., DONEGA, A. L., BOTH, J. & RAMOS, M. H. K. P. (2005). Percepção da qualidade de vida no trabalho de professores de Educação Física ao longo da carreira docente. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*. 10 (suplemento), p.75, 2005.

LEMOS, C. A. F. Qualidade de vida na carreira profissional de professores de Educação Física do Magistério Público Estadual/RS. **Dissertação de Mestrado** – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

MOREIRA, H. R.; NASCIMENTO, J. V.; SONOO, C. N. BOTH, J. Qualidade de vida no trabalho e perfil do estilo de vida individual de professores de Educação Física ao longo da carreira docente. **Revista de Educação Física Motriz**, v. 16, n. 4, Rio Claro, out/dez, 2010.

NASCIMENTO, J. V. & GRACA, A. (1998). A evolução da percepção de competência profissional de professores de Educação Física ao longo de sua carreira docente. In: **Actas do VI Congresso de Educacion Física e Ciências do deporte dos países de língua portuguesa, VII Congresso Galego de Educacion Fisica**, 1998.

OLIVEIRA, E. S. A. Atividade física habitual e outros comportamentos relacionados à saúde dos servidores da Universidade Federal de Santa Catarina: tendência secular 1994-2004. **Dissertação (Mestrado)** - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Cadernos de Pesquisas em Administração**, v. 1, n.3, 2º sem., 1996.

PAULA, A. C. R. R.; NAVES, M. L. P. O estresse e o bem-estar docente. **Revista de Educação Profissional**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 61-71, jun/abr, 2010.

PERRENOUD, P. Prática pedagógicas, profissão docente e formação. *Perspectivas Sociológicas*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

REBOLO, F. O bem-estar docente: limites e possibilidades para a felicidade do professor no trabalho. **Tese**. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. (2005).

SACRISTÁN, J. G. **Poderes Instáveis em Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SILVA, M. S.; KRUG, H. N. Os sentimentos satisfação e insatisfação dos professores de Educação Física. **Revista Digital efeportes**, Buenos Aires, ano 12, n. 115, dic, 2007. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso: 15 outubro de 2012.

SORIANO, J. B; WINTERSTEIN, P.J. (1998). Satisfação no trabalho do Professor de Educação Física. **Revista Paulista de Educação Física**. 12(2), 145-159.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 11 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

TACCA, M. C. V. R. Estratégias Pedagógicas: conceituação e desdobramentos com o foco na relação professor-aluno. In: **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. TACCA, Maria Carmen V. R. (Org), Campinas, SP: Editora Alínea, 2006a.